

A IMPORTÂNCIA DO ROMANTISMO ALEMÃO DE SCHILLER NO HINO NACIONAL BRASILEIRO

DOI: 10.5281/zenodo.15588502

Ivonei Gomes Marinho

Doutoranda em Educação Universidad San Carlos

Claudio Teles Santana

Doutorando em Educação Universidad San Carlos

Paulo Roberto Teixeira da Silva

Doutorando em Educação Universidad San Carlos

Valeria Vieira Rocha

Doutoranda em Educação Universidad San Carlos

Marlucia Bandeira Rodrigues Ramos

Doutoranda em Educação Universidad San Carlos

Jose Cleiton do Nascimento

Doutorando em Educação Universidad San Carlos

Identificando que Antônio Gonçalves Dias (1823 – 1864) se denomina como autor do célebre poema Canção do Exílio. Canção essa que foi escrita em 1843, período em que o poeta vivia em Coimbra (Portugal) e cursava Direito. É possível compreender que o poema se fundamenta no saudosismo e o patriotismo em relação a sua terra natal. Destacando que no ano de 1822, o Brasil não era mais uma colônia de Portugal.

Depois de um longo processo para alcançar a sua independência e se desligar do seu colonizador, que gerou uma expressiva onda de nacionalismo apresentando a demanda em criar projetos que valorizassem sua nacionalidade.

O que estimulou os intelectuais da época na importância de produzir obras literárias com caráter nacionalista. Nesse contexto, pós independência que tornou o poema Canção do Exílio e o poeta Gonçalves Dias um destaque em meados de 1843.

Evidenciando que o autor é considerado o primeiro poeta brasileiro que retratou os sentimentos de um povo a respeito de sua pátria.



E se caracteriza como um expoente no início da fase do romantismo brasileiro que introduziu o nacionalismo, por meio da valorização da natureza do Brasil.

De acordo com o poema descrito: Canção do Exílio Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores. Em cismar, sozinho à noite, Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá Minha terra tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em cismar – sozinho, á noite – Mais prazer encontro eu lá, Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá; Sem que desfrute os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá.

Além de buscar ampliar a reflexão sobre o poema, é primordial apontar algumas peculiaridades sobre a epígrafe do poema Canção do Exílio utilizada por Dias. Podemos verificar na epígrafe, conhecida como “Canção de Mignon” (Lied der Mignon), escrito pelo alemão Johann Wolfgang Von Goethe foi produzida em referencia ao “Romance de formação” (Bildungsroman) e pelos anos de Aprendizagem de Wilhlem Meister (Wilhlem Meister Wanderjahre).

Verificando que a obra se define por um tipo de romance onde o personagem principal padece num processo de desenvolvimento espiritual, psicológico, social e político. Gonçalves Dias se inspirou com Canção de Mignon para elaborar a Canção e a epígrafe, que demonstra que se trata da citação de alguns versos da balada Mignon, que não são reconhecidas nas antologias escolares.

Ressaltando ainda, que Dias era um grande admirador e leitor da literatura alemã inclusive levando que o poeta se dedicasse em aprender a língua para ler as obras dos poetas alemães no texto original. Friedrich Schiller se evidencia como um dos preferidos de Gonçalves Dias.

Mencionando que Dias não apenas leu Schiller, como iniciou a tradução da obra do poeta alemão, A noiva de Messina, que não foi concluída devido a sua morte prematura.

Da obra balada de Mignon, Dias extraiu o trecho que mais refletia os seus sentimentos de nostalgia sobre o desejo de retornar à pátria para escrever Canção do Exílio. Bem como, do livro de Goethe, ele se inspirou na obra de Mignon e na melancolia de rever a pátria antes de sua morte.

Como podemos verificar no poema de Goethe que Dias adotou na epígrafe na Canção do Exílio e que foi traduzido por Manoel Bandeira. Kennst du das Land, wo die



Zitronen blühen, In dunkeln Land die Gold – Orangem glühen, Kennst du es wohl? Dahi, dahin! Möchte ich ... ziehn (Johann Wolfgang von Goethe) Conheceis o país onde florescem as laranjeiras? Ardem na escura fronde os frutos de ouro, Conhecê-lo? Para lá, para lá Quisera eu ir (Tradução Manoel bandeira).

Sendo nítida nos versos de Goethe, a intenção de louvar sua pátria. Dias fez uso do mesmo conceito ao elogiar a natureza do Brasil referindo-se ao país das palmeiras, enquanto que Goethe, a Alemanha, como país das laranjeiras.

O que fez com que a composição Canção do Exílio se tornasse um dos poemas líricos com maior representatividade na primeira fase do romantismo brasileiro.

Assim como, a Canção pode ser interpretada como a produção de um texto com profunda glorificação à pátria, identificando que em cada verso o poeta destaca o patriotismo e o saudosismo que acalenta em relação ao seu país.

Outro aspecto é que o poema gonçalviano demonstra o nacionalismo ufanista que pode ser interpretado em cinco estrofes, que são formadas por três quartetos e dois sextetos com a expressiva exaltação da natureza. A escolha dos elementos da natureza nos versos escolhidos pelo poeta para compor o poema não é fortuita, sendo que palmeiras e sabiá são elementos representativos da flora e da fauna brasileira.

Como descrito por Sylvia Cyntião no trecho entre a par palmeira – sabiá, dado o fato da combinação ser uma invenção poética: nota-se que a aproximação de Sabiá e palmeira se enfatiza por dois elementos e por novos significados.

De modo que Sabiá é grafado com maiúscula, personificado. Isto nos leva a estabelecer uma analogia com o poeta, que seria o “Cantor” de uma tristeza, assim como o pássaro (Sabiá) que possui um canto triste. Enquanto a palmeira é um símbolo de todo o Brasil – os índios chamavam de Pindorama- terra das palmeiras- o Maranhão, estado onde nasceu Gonçalves Dias. (Cyntião,1988, p.37)

No poema Canção do Exílio possível reconhecer as descrições de exaltação da natureza brasileira. O que nos revela que essa tendência se expressa pela posição nacionalista da primeira geração do romantismo brasileiro, que se associa com a demanda na criação de uma literatura nacional e a intenção de promover a valorização das riquezas naturais do Brasil e Gonçalves Dias como um representante em evidência.

Ao destacar a superioridade das belezas naturais, nos versos, “Nosso céu tem mais estrelas. / nossas várzeas tem mais flores. / nossos bosques tem mais vida. / Nossa



vida mais amores”, o poeta não só destaca as belezas do Brasil, mas também a saudade que sente da sua pátria.

Como pode ser visto na última estrofe do poema que expressa o saudosismo que o eu lírico sente em relação a sua terra natal ao descrever o seu desejo de retornar: “não permita Deus que eu morra sem que eu volte para lá”. Evidenciando que o sentimento sobrepõe-se a razão. Nessa conjuntura o poeta adota alguns recursos para desenvolver a sua emoção poética.

Outro ponto a ser destacado é que Dias não usa adjetivos no poema para glorificar a natureza de sua pátria, evidenciando, ao longo de todo texto, a utilização de muitos substantivos para demonstrar os seus sentimentos. Por meio de vocábulos que se referem à paisagem, os elementos condicionantes e estruturadores da emoção por meio, da estrutura linguística.

O que discorre na sensação visual do mundo físico que se materializa em toda sua pelas luzes e cores citadas pelo poeta que estimula o leitor imaginar: o céu mais cheio de estrelas, o mais lindo; várzeas com mais flores – configurando tantas (Cytrão, 1988, p.31)

Portanto, deve-se notar que a temática do poema mescla saudade e sentimento de nostalgia do eu lírico ao exaltar a todo instante a superioridade das belezas de seu país. Além de demonstrar nacionalismo e admiração, o tema do exílio é bastante evidente em todo texto.

Neste sentido, todo o sentimento de brasilidade é marcado por uma grande musicalidade e pela composição formal dos versos de modo a encher os olhos do leitor de encantamento e patriotismo. Há mais de um século, Gonçalves Dias escreveu Canção do Exílio e ainda vemos a sua obra, como o motor que inspirou muitos poetas a escreverem seus poemas.

A força da poesia gonçalviana surpreendentemente serviu de espelho para outras Canções. São as Canções de Exílio de Casimiro de Abreu, de Carlos Drummond de Andrade, de Murilo Mendes, as Canções de todos os poetas que retomam de algum modo à relação entre natureza e nação do poema Canção do Exílio de Dias.

Constata-se que o poeta Antônio Gonçalves Dias é absolutamente romântico, pois foi quem desenvolveu em sua obra, temáticas de cunho sentimental, patriótico e saudosistas servindo, portanto, como ponto de referência para as gerações seguintes.



Antônio Candido, no texto Gonçalves Dias consolida o romantismo sintetiza com poucas palavras a importância de Gonçalves Dias para as outras gerações de poetas românticos. Esclarece o estudioso: Sob este ponto de vista foi o acontecimento decisivo da poesia romântica e todos os poeta seguintes, de Junqueira Freire a Castro Alves, pressupõe a sua obra.

A partir dos Primeiros Cantos, o que era tema – saudade, melancolia, natureza, índio – se tornou experiência, nova e fascinante, graças à superioridade da inspiração e dos recursos formais. (CANDIDO, 1981, p. 84)

Gonçalves Dias é um grande poeta que com seu ideal literário de engrandecer sua pátria se tornou para muitos estudiosos o criador da literatura nacional. Antônio Candido, por exemplo, considera Gonçalves Dias o poeta que consolidou o Romantismo no Brasil. O mais representativo dos poetas com seus belos poemas de temática patriótica como Canção do Exílio e indianista como I-Juca Pirama.

É interessante o comentário de Candido sobre a estética dos poemas de Dias. Sobre a estética, coube à Dias, principalmente na poesia, o papel representativo da primeira fase do romantismo. Em poemas como, por exemplo, I-Juca Pirama e Canção do Exílio, Gonçalves Dias transforma em experiência, o que antes era apenas tema. Assuntos comuns como amor e saudade da pátria ganha outro colorido, pois Dias consegue harmonizar rigor formal e sentimento.

Graças à complexidade dos recursos formais empregados por Gonçalves Dias, saudade, melancolia, natureza, índio, enfim, toda a galeria temática do romantismo ganha significado para além da tentativa de se fazer um mero registro da realidade do país. (CANDIDO, apud Enciclopédia. itaucultural.org) Além disso, o crítico literário esclarece um ponto importante acerca dos sucessores de Dias.

No trecho destacado abaixo é possível refletir sobre a importância da obra de Gonçalves Dias como poeta representativo da literatura brasileira. Mesmo quando se abandonaram à incontinência afetiva e à melopéia; mesmo quando buscavam modelos em poetas estrangeiros – sempre restava neles algo de Gonçalves Dias, cuja obra rica e variada, continha inclusive o germe de certos desequilíbrios que as gerações seguintes cultivarão. Candido (1981, p.84) é digno de nota, a receptividade do poema Canção do Exílio pelo poeta do Hino Nacional Brasileiro, Joaquim Osório Duque Estrada.



Ao escrever os versos do hino, o poeta transcreveu na íntegra alguns versos da Canção do Exílio na letra do Hino Nacional. “Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida, (No teu seio) mais amores”, percebe-se que ao buscar inspiração nos versos do poema Canção do Exílio, Estrada pretendeu mostrar a importância do poeta Gonçalves Dias como referência para a construção da Literatura nacional. Dias sempre fará parte da memória nacional e será lembrado como aquele que despertou o sentimento patriótico como símbolo na caracterização da poesia nacional.

Gonçalves Dias e o sublime Leitor de autores como Friedrich Schiller – cuja obra traduziu e ajudou a difundir no Brasil – e Lord Byron, autores que exploraram o sublime em suas composições, Gonçalves Dias expõe, em diversos registros, um modo de pensar que parece incorporar, mesmo que inconscientemente, esse conceito.

Dito de outro modo, ainda que não conste em nenhum de seus textos uma referência explícita ao sublime, Gonçalves Dias demonstra um pensamento bastante afinado às reflexões acerca dessa categoria estética, mostrando-se consoante ao espírito de época que marcou a passagem do século XVIII para o XIX.

Isso pode ser corroborado pelo prólogo da primeira edição dos seus Primeiros cantos (1846): Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena política para ler em minha alma, reduzindo à linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as ideias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano – o aspecto enfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento – o coração com o entendimento – a ideia com a paixão – cobrir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia – a Poesia grande e santa – a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir (DIAS, 1959, p. 101).

Nesse trecho do prólogo, Gonçalves Dias opera uma importante distinção entre a “linguagem harmoniosa e cadente” e a “Poesia grande e santa”, de forma bastante semelhante à separação entre os elementos técnicos e o dom inato do poeta, feita tanto por Longino quanto por Wordsworth (BELLAS, 2019). Ainda que não faça uso do termo “sublime”, o conceito está implícito na passagem acima na medida em que o autor procura definir uma forma mais elevada de poesia: uma forma impossível de ser definida, relacionada primordialmente à dimensão da emoção.

Quando passamos do prólogo dos Primeiros cantos à sua produção poética, Gonçalves Dias mostra-se bastante empenhado no emprego de uma retórica do sublime.



A título de exemplificação, tomemos, brevemente, o hino intitulado “O mar”, publicado nos Primeiros cantos.

Dedicando-se ao elogio desse elemento da natureza, o poeta é maravilhado, sobretudo por sua grandiosidade e seu aspecto terrível, e utiliza um campo semântico que ressalta essas duas características: Oceano terrível, mar imenso De vagas procelosas que se enrolam Floridas rebentando em branca espuma Num pólo e noutra pólo, Enfim... enfim te vejo; enfim meus olhos. Na indômita cerviz trêmula cravo, E esse rugido teu sanhudo e forte. Enfim medroso escuto! Em vão treveja horrísona tormenta; Essa voz do trovão, que os céus abalam, Não cobre a tua voz. – Ah! donde a houveste, Majestoso oceano? (DIAS, 1959, p. 191).

O eu lírico do poema de Dias alude à vastidão do oceano, e as estrofes descrevem um mar em fúria, investindo em imagens evocativas de ideias de perigo. As grandes ondas confundem-se umas com as outras, mostrando todo o seu caráter indomável, e alcançam alturas que dificultam sua apreensão por olhos humanos. Além delas, os sons emitidos pelas águas, que silenciam até mesmo os trovões da tempestade que se desenrola, potencializam a grande força e o aspecto aterrorizante do oceano, conforme atesta o eu lírico: “Enfim medroso escuto!” (DIAS, 1959, p. 191).

Ainda que a representação da natureza na obra gonçalvina – bem como no Romantismo, de modo geral – ofereça, por si só, elementos interessantes para que possamos analisar a maneira como o sublime se manifesta no movimento romântico brasileiro, nossa proposta de avaliar sua poesia indianista é justificada por permitir uma visão mais completa do modo como o poeta investe no conceito em suas composições.

1.1 Schiller no Brasil: Gonçalves Dias Gonçalves

Dias nasceu no Maranhão em 1823, indo mais tarde estudar Direito em Coimbra, onde permaneceu de 1838 a 1844. Em 1845, aos 21 anos de idade, embarcou de volta ao Brasil. Não tinha dinheiro algum, nem mesmo para a passagem, que teve que ser paga pela madrasta, no Maranhão. Em sua bagagem trazia, porém, sua verdadeira riqueza, ou seja, os frutos literários de sua estadia em Coimbra: a famosa “Canção do exílio”, as peças teatrais Patkull e Beatriz Cenci, e as romances autobiográficas Memórias de Agapito Goiaba.



Além disso, a presença em Coimbra também fez com que estudasse a fundo os clássicos portugueses, colaborasse na redação do periódico *O trovador*, e aderisse ao grupo de medievalistas ativo na cidade (FIQUEIREDO 1966: 348; MOISÉS 1971: 165-166; BANDEIRA 1962: 17).

Esse entrosamento com a tradição literária portuguesa e com os românticos lusitanos despertou o entusiasmo de Antônio Feliciano de Castilho, que se prontificou a publicar o poema “O índio” na *Revista universal lisboense* (CANDIDO 1981: 82-83; BANDEIRA 1962: 27).

Além de tudo isso, foi durante a estadia em Coimbra (em 1843) que Gonçalves Dias iniciou os estudos da língua alemã, tornando-se o único romântico brasileiro a dominar esse idioma e a poder ler diretamente no original.

Como resultado dessa fluência pode encontrar na obra de Gonçalves Dias diversas marcas que apontam para a amplitude de suas leituras. É bem verdade que outros românticos brasileiros como Álvares de Azevedo e Visconde de Taunay, também demonstram conhecer Klopstock, Schiller, Goethe, Hoffmann. Gonçalves Dias, porém, chega a citá-los diretamente em língua alemã.

A famosa “Canção do exílio” (DIAS 1949: 350), por exemplo, traz como epígrafe os versos iniciais da canção de Mignon “Kennst du das Land, wo die Zitronen blühen” do romance *Wilhelm Meister*, de Goethe. Fora ela, outros poemas ainda são antecedidos por trechos de Schiller, Kleist, Wieland. Mas a ligação de Gonçalves Dias com a Alemanha não ficaram apenas no papel.

Em 1852 Gonçalves Dias foi nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, partindo dois anos mais tarde para a Europa.

Em 1856 chegou à Alemanha, onde, um ano depois, a editora Brockhaus de Leipzig publicou sua antologia *Cantos*, a parte inicial (cantos I a IV) do poema *Os Timbiras* e o *Dicionário de Tupi* (MENEZES 1978: 233). Conforme já apontaram vários estudiosos, as poesias gonçalvianas deixam entrever o reflexo das obras de autores como Victor Hugo, Gautier, Dante, Herculano, Garrett, Basílio da Gama (CANDIDO 1981: 88-89; RICARDO 1986: 115-119).

Já as peças teatrais, a começar pelas escritas em Coimbra, revelam o diálogo com Friedrich Schiller – diálogo esse atestado pela temática histórica, a linguagem elevada e a estrutura construída segundo padrões clássicos. A produção dramática de



Gonçalves Dias compreende as seguintes peças: Patkull (1843), Beatriz Cenci (1843), Leonor de Mendonça (1847) e Boabdil (1850).

Nesses textos, visita respectivamente a Alemanha de 1707, a Itália de 1598, Portugal de 1512, a Espanha dos tempos da presença árabe (1492), e abordam temas como traição, pena de morte, incesto, adultério, que sem dúvida dificultaram o acesso não apenas aos palcos brasileiros, como também à chance de publicação.

Como resultado, Boabdil foi traduzida e encenada na Alemanha, não no Brasil. Ricardo (1986: 120-121); Jacobbi (1958: 41) cita que Beatriz Cenci foi rejeitada pelo Conservatório Dramático (órgão com poderes de censura) sob a alegação de que era imoral, ou conforme outras interpretações, porque a linguagem empregada não era correta (Essa objeção, aliás, teria levado Gonçalves Dias a escrever Sextilhas de Frei Antão em português arcaico a fim de demonstrar seus conhecimentos do idioma.

Jacobbi (1958: 62-63) aponta que Leonor de Mendonça, que Décio de Almeida Prado (1993: 247) chama de “O mais belo drama do nosso romantismo – e talvez de todo o teatro brasileiro”, foi aceito pelo Conservatório, mas João Caetano recusou-se a atuar nela. Por fim, Leonor de Mendonça foi encenada no Maranhão, tornando-se inclusive a única obra teatral de Gonçalves Dias a ser publicada ainda em vida do poeta (a impressão se deu em 1847).

Magaldi (s.d.: 67); Ricardo (1986: 70) como as demais peças permaneceram inéditas até saírem na edição de Obras póstumas em 1868-1869. No que se refere a Patkull – a peça ambientada na Alemanha de 1707 – talvez a sua fonte de inspiração também seja uma obra alemã. Não se sabe ao certo se Gonçalves Dias conhecia o romance Patkul - Historischer Roman (1835), que Nina Rog publicou em Leipzig pela editora Kollmann.

Entretanto, os comentadores apontam para duas obras como sendo as principais fontes que o autor teria consultado. Uma delas é a História de Carlos XII (1731), de Voltaire, de onde Gonçalves Dias teria extraído os eventos da vida do protagonista Patkul e, inclusive, a equivocada grafia “Patkull”.

A segunda seria a peça histórica Wallenstein (1799), de Friedrich Schiller, que teria fornecido não apenas informações gerais sobre a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), como também a inspiração estética (JACOBBI 1958: 49 51).



A ação de *Patkull* desenrola-se principalmente na Alemanha (em Mecklenburg e Dresden), enquanto o desfecho se passa na Polônia (em Casemir, nas imediações de Posen). O protagonista da peça é uma figura histórica: Johann Reinhold Patkul (1660-1707), um gentil-homem sueco, que prestou serviços a Augusto II da Saxônia e Polônia e ao czar russo Pedro I. Por fim, em 1707, foi executado na roda, segundo as ordens de Carlos XII, rei da Suécia.

O personagem central de *Patkull* é um herói sensível e apaixonado, que se torna alvo de inveja e traições. Gonçalves Dias busca no contexto histórico apenas os elementos necessários para caracterizar seu protagonista como homem valoroso na batalha e, uma vez conseguido essa caracterização, o olhar passa a afastar-se do plano histórico para fixar-se nos conflitos emocionais e existenciais.

Ao contrário de Schiller – que mostrou Wallenstein como guerreiro heróico, mas também como figura orgulhosa e dilacerada por impulsos demoníacos – Gonçalves Dias cria um *Patkull* absolutamente íntegro, fiel, valoroso até o momento de sua execução.

A peça acompanha o período final de sua vida, ou seja, a época em que, desiludido em seus ideais de libertar a pátria, é vítima da traição de Paikel, a quem julgava um amigo. Entretanto, justamente essas circunstâncias nos fazem voltar novamente a Schiller, que seguiu um plano dramático muito semelhante em *Don Carlos* (1787).

Nesta peça, intrigas palacianas, promessas de ações militares, interesses da Igreja e da Coroa preparam o desfecho trágico, em que o príncipe Carlos é traído pelo seu próprio pai, Filipe II da Espanha, e entregue aos alcoses da Inquisição. O conflito entre as paixões e o dever é, portanto, o núcleo das peças de Schiller e de Gonçalves Dias.

Por detrás da trama de *Patkull* sobressai uma concepção trágica típica de Schiller: não é o destino supra-individual – coordenado pelas Parcas, tecelãs do fio da vida – que dá as cartas e determina a sorte ou o azar. Pelo contrário, são as condições históricas e políticas da época, e a própria constituição psicológica, social e moral do personagem, que dirigem as decisões do herói e conduzem seus passos. Isso fica claro, por exemplo, na peça *Maria Stuart* (1800), cuja protagonista toma a decisão de humilhar-se perante a rainha Elizabeth I a fim de conseguir salvar-se.

Contudo, uma vez confrontada com sua rival, sua natureza mais profunda – ativa e orgulhosa de sua realeza – fala mais alto, fazendo com que ela prefira perder a vida, mas mantenha intacta a dignidade.



Da mesma forma, os valores íntimos de Patkull fazem dele uma presa fácil. O falso amigo Paikel apenas consegue envolver Patkull em seu plano traiçoeiro porque o herói coloca acima de tudo seu sentimento de patriotismo e sua fidelidade ao povo.

Além disso, Patkull confia tão cegamente no amor e na amizade que não consegue ter qualquer desconfiança em relação à Paikel. Esses valores humanistas de Patkull constituem mais um aspecto absorvido de Schiller.

Ao escrever uma peça sobre Patkull, figura que parece absolutamente desconecta da realidade histórica e cultural do Brasil, Gonçalves Dias coloca em prática esse mesmo senso de humanidade que ele vislumbrou e admirou em Schiller. Depois de tudo isso, o que coroou a admiração de Gonçalves Dias por Schiller foi seu projeto de traduzir *Die Braut von Messina*, ou *A noiva de Messina*, de Schiller.

REFERÊNCIAS

ACKERMANN, Fritz. **A obra poética de Gonçalves Dias**. Tradução de Egon Schaden. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura 1964. (Coleção Ensaio, 32).

ALENCAR, Heron de. **José de Alencar e a ficção romântica**. In: COUTINHO, Afrânio. (Dir.) *A literatura no Brasil*. 3.ed. ver. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio; Niterói: EDUFF, 1986.v.3. p.231-321.

AMORA, Antonio Soares. **A Literatura brasileira: o romantismo**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1962.

BANDET, Jean - Louis. **A Literatura alemã**. Portugal: Gráfica Europam, Ltda, 1989.

BANDEIRA, Manoel. **Ensaio sobre a literatura do Brasil**. In: Volobuef. *Frestas e Arestas. A Prosa de Ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo:UNESP,1999.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia e vida de Gonçalves Dias**. São Paulo, Ed. das Américas 1962.

BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio. In: Alencar, José de. **Ao Correr da Pena**. São Paulo: Melhoramentos, 1956. BOSI, Alfredo. *História Concisa da literatura brasileira*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

BROCA, Brito. **Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro**. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1979.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)** Belo Horizonte: Itatiaia 6 edição, 2 vols., 1981.



CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura Brasileira. I – das origens ao realismo.** São Paulo: Difel, 1985.

CARPEAUX, Otto Maria. **Prosa e Ficção do Romantismo.** São Paulo: Perspectiva, 1985. CARPEAUX, Otto Maria. **A história concisa da literatura alemã.** São Paulo: Faro Editorial, 2013.

CASTELLO, José Aderaldo. **Os pródomos do romantismo.** In: COUTINHO, Afrânio. (Dir). **A Literatura no Brasil.** 3.ed.rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio; Niterói: EDUFF, 1986. v.3. p.37-69.

CHIARI, Gisele Gemmi. **Presença do Medialismo em Gonçalves Dias.** In Fólio – Revista de Letras, Vol. 3, n.1, p.33-55. 2011. Vitória da Conquista: UESB.

COSTA, Pedro Pereira da Silva. **A vida dos Grandes Brasileiros.** Gonçalves Dias. Paulo: Editora Três: 1974.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil.** 18 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CYNTRÃO, Sylvia Helena. **A ideologia nas Canções do Exílio: Ufanismo e crítica.** 1988. 121f. (Dissertação) (Mestre) – UnB, Brasília, 1988.

DIAS, Antônio Gonçalves. Obras. In: RAMOS, Frederico José da Silva (Organização, revisão e notas). **Grandes poetas românticos do Brasil: Poesias completas.** Prefácio e notas biográficas de Antônio Soares Amora. São Paulo, Lep 1949, 347-556. _____. Teatro completo. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro 1979. (Coleção Clássicos do Teatro Brasileiro, 2)

DIOGO, Geraldo José filho. **Em busca de um lugar ao sol: a viagem de Goethe à Itália.** 2018. Disponível em <https://journals.openedition.org>.

FAIRCHILD, Hoxie Neale. **The Romantic Quest.** New York, Columbia University Press 1931.

FRANÇA, José-Augusto. **O romantismo em Portugal. Estudo de factos socioculturais.** Trad. Francisco Bronze. 2. ed. Lisboa, Livros Horizonte 1993.

FRANSBACH, Martin. **Gonçalves Dias ‘Canção do exílio’ und Goethes ‘Mignon’ - Interpretation und Quellenvergleich.** Revista de Letras. Assis (UNESP), v. 6, 1965, 119-128.

FURST, Lilian R. **Romanticism in Perspective. A Comparative Study of Aspects of the Romantic Movements in England, France and Germany.** 2. ed. London, Macmillan Press 1979.

GOETHE, Wolfgang. Fausto; **Poema dramático.** Trad. Antônio Feliciano de Castilho. 3. ed. São Paulo, Livraria Teixeira s.d. _____. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. Tradução Nicolino Simone Neto. São Paulo, Ensaio 1994 _____. Raineke-Raposo. São Paulo, Companhia das Letras 1998.



HERCULANO, Alexandre. **Obras**. 2 v. São Paulo, Saraiva 1959.

JACOBBI, Ruggero. Goethe, **Schiller, Gonçalves Dias**. Porto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul 1958. (Série Letras, 5).

MAGALDI, Sábato. **Panorama do teatro brasileiro**. S/l, Serviço Nacional de Teatro s/d. (Coleção Ensaios, 4)

MENEZES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. 2. ed. rev. aum. e atual. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos 1978.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 9. ed. São Paulo, Cultrix 1971.

MONTELLO, Josué. **Para conhecer melhor Gonçalves Dias**. Rio de Janeiro, Bloch Editores 1973.

PARANHOS, Haroldo. **História do romantismo no Brasil**. v. 2. São Paulo, Edições Cultura Brasileira 1937. (1830-1850)

PIRIE, David B. (Ed.). **The Romantic Period. London**, Penguin Books 1994. (The Penguin History of Literature, 5)

PRADO, Décio de Almeida. **Leonor de Mendonça: Amor e morte em Gonçalves Dias**. In: _____. Teatro de Anchieta a Alencar. São Paulo, Perspectiva 1993, 243-297. (Debates, 261)

RICARDO, Cassiano. **Gonçalves Dias e o indianismo**. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). A literatura no Brasil. v. 3. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio; Niterói, EDUFF 1986, 70-138.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. v.3. 5. ed. Rio de Janeiro, José Olympio 1953.

RUTHVEN, K. K. O mito. **Tradução de Esther Eva Horivitz de Beermann**. São Paulo, Ed. Perspectiva 1997. (Debates, 270).

SCHILLER, Friedrich. Werke. 2 vol. München, Droemersch Verlaganstalt 1954. _____. **Os deuses da Grécia**. In: MACHADO DE ASSIS. Poesias completas. Tradução Machado de Assis. Rio de Janeiro, W. M. Jackson 1957, 228-233. Guilherme Tell. Tradução e prefácio de Sílvio Meira. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro 1974.

_ Maria Stuart. Trad. Manuel Bandeira. São Paulo, Abril Cultural 1977. (Teatro Vivo).

_____. A noiva de Messina. In: DIAS, Antônio Gonçalves. Teatro completo. Tradução Gonçalves Dias. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro 1979, 365-467. (Coleção Clássicos do Teatro Brasileiro, 2)

_____. Os bandoleiros. Trad., org., prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. Edição comentada. Porto Alegre, L&PM 2001.



_____. A noiva de Messina ou Os irmãos inimigos. Tradução de Gonçalves Dias. Notas de Manuel Bandeira. Organização de Márcio Suzuki e Samuel Titan Jr. São Paulo, Cosac & Naify 2004.

_____. Intriga e amor. Tradução e posfácio de Mario Luiz Frungillo. Curitiba, Editora da UFPR 2005._____.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**, volume IV. Lisboa: Vega estante editora: 1954.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Viagem à Itália (Italienische Reise) 1776-1788/ J.**

W. Goethe: tradução Sérgio Tellaroli – São Paulo: Companhia das Letras,1999.

KESTLER, Izabella; MOURA, Magali. **Aspectos da Época de Goethe**. Rio de Janeiro: Comunicação Editora, 2011.

LEOPOLDSEDER, Hannes. **Der Weg zum literarischen Nachtstück der Romantik**. In: _____, Grotteske Welt; Ein Beitrag zur Entwicklungsgeschichte des Nachtstücks in der Romantik. Bonn: Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1973. p.18-127.

MOURA, Magali. Da Magia a Kant: **Considerações sobre a Relação de Goethe com a Filosofia**. MATRAGA, Rio de Janeiro, V.18, n.29, jul./dez. 2011

MARQUES, W. J. **O poema e a Metáfora**. In revista letras, n. 60, p.79-93, jul./dez. 2003 Curitiba: Editora UFPR MARTINI, Fritz. A história da literatura alemã. Do romantismo a atualidade. Editorial Estúdios Cor: Lisboa, 1972.

MENHENNET, Alan. **The Romantic Movement**. London: Croom helm, 1981.

MOISES, Massaud. A Criação literária. Poesia. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 102 – 128.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura brasileira através dos textos**. 26. ed. São Paulo: ed. Cultrix, 2007, p. 115 – 137.

MONTAÑES, Amanda Pérez. **Vozes do Exílio e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba**. Florianópolis: 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89324>

NIVELLE, Armand. **Frühromantische Dichtungstheorie**. Berlin: Walter de Gruyter, 1970. In: VOLOBUEF, Karin. Frestas e Arestas. A prosa de Ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

ROMANTISMO (primeira geração). In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <HTTP://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo121primeirageracao>. Acesso em: 11 de jan.2021 verbetada Enciclopédia.

ROSENFELD, Anatol. **Autores Pré-Românticos Alemães**. Introdução e Notas de Anatol Rosenfeld. São Paulo: EPU, 1991.



ROSENFELD, Anatol. **História da Literatura e do Teatro Alemães**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ROSENFELD, Anatol. **Texto/ ContextoII**. São Paulo: Perspectiva, 1993 SAID, Edward. **Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo: uma questão alemã**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SELANSKI, Wira. Fonte **Correntes da Literatura Alemã**. Rio de Janeiro: Imprensa Velha Lapa, 1997.

SCUTTS, Julian. **A Study of Wandering as a Phenomenon in English and German Literature**, 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br> THEODOR, Erwin. **Introdução à literatura Alemã**. Companhia Editorial Paulista. Rio de Janeiro: 1968.

VOLOBUEF, Karin.Frestas e Arestas. **A Prosa de Ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999

ROSENFELD, Anatol. **Autores Pré-Românticos Alemães. Introdução e Notas de Anatol Rosenfeld**. São Paulo: EPU, 1991.

ROSENFELD, Anatol. **História da Literatura e do Teatro Alemães**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ROSENFELD, Anatol. **Texto/ ContextoII**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo: uma questão alemã**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SELANSKI, Wira. Fonte **Correntes da Literatura Alemã**. Rio de Janeiro: Imprensa Velha Lapa, 1997.

SCUTTS, Julian. **A Study of Wandering as a Phenomenon in English and German Literature**, 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br>

THEODOR, Erwin. **Introdução à literatura Alemã**. Companhia Editorial Paulista. Rio de Janeiro: 1968.

VOLOBUEF, Karin.Frestas e Arestas. **A Prosa de Ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999